

ATUAÇÃO LITERÁRIO-POLÍTICA: ESCRITA E RESISTÊNCIA EM AMARA MOIRA E GEOVANI MARTINS

Leandro Souza Borges Silva ¹

O presente trabalho tem como objetivo abordar entrevistas feitas com os escritores Amara Moira e Geovani Martins, a fim de refletir a respeito da atuação político-literária desses autores e os processos de criação contextual da escrita. Esses autores, em seus atos de criação, assumem posicionamento assertivo em meios literários e extraliterários, isto é: social, político e histórico. Nesse entender, esta pesquisa, de metodologia analítica bibliográfica, se pauta nos pressupostos de Leonor Arfuch (2010), que tematiza o gênero entrevista enquanto manifestação biográfica, Benjamin Abdala Júnior (2014), teórico que fundamenta inerentes vinculações entre literatura e política, bem como Philippe Lejeune (2008), pensador que teoriza o gênero autobiográfico e suas implicações sociais. Dessa forma, a análise feita se justifica ao protagonizar sujeitos dissidentes em sua criação e atuação político-literária, tendo como finalidade proporcionar reflexões acerca da emergência de expressões outrora marginalizadas na literatura. Como resultado, nota-se que o gênero entrevista, ao fazer parte do espaço biográfico, permite apreender os processos de criação e aspectos vivenciais dos escritores, bem como os bastidores de composição literária, suas convicções e visões de mundo.

Palavras-chave: Amara Moira. Atuação político-literária. Espaço Biográfico. Geovani Martins. Resistência.

Considerações iniciais

Ao privilegiar notações à margem do cânone, o presente estudo adquire viés acadêmico-político e contribui para a reflexão a respeito de discriminações que ainda se amparam no ambiente literário, desestabilizando premissas preconceituosas, machistas e homofóbicas. Nesse entender, de acordo com Benjamin Abdala Júnior (2014), se compreendermos o mundo por meio da literatura, isso implica que a realidade é propensa de ser analisada sob diversos ângulos e perspectivas, dentre elas a “[...] política, sociologia, história, linguística etc., para nos ater às esferas das Humanidades, mas também às áreas das chamadas ciências duras, biológicas e da saúde”. (p. 124).

Nesse contexto, serão abordadas as entrevistas feitas a Amara Moira e Geovani Martins, ressaltando que esse gênero está inserido no espaço biográfico. Para Leonor Arfuch (2010), o espaço biográfico evidencia uma “confluência de múltiplas formas,

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), da Universidade Federal da Bahia. **E-mail:** leandroborges@hotmail.com

gêneros e horizontes de expectativa”. (p. 58-59)”. Nesse sentido, esse espaço supõe que diversos gêneros apresentam nuances (auto)biográficas, permitindo considerar, segundo a teórica, “as especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação” (ARFUCH, 2010, p. 58-59). Assim, ao abordar as entrevistas feitas aos escritores Amara Moira e Geovani Martins, pretende-se notabilizar a produção desses escritores, destacando expressões que desvelam malhas sociais antagônicas.

Amara Moira: as travestis em foco literário

A escritora e ativista putafeminista Amara Moira é travesti e professora, sendo doutora pela Universidade de Campinas (Unicamp). Ao atuar em favor da legalização da prostituição, a autora tem assumido importante posicionamento crítico em relação a questões sociais, combatendo o machismo, a homofobia e outras formas de discriminação. Seu primeiro livro publicado intitula-se *E se eu fosse puta* (2016) e apresenta relatos de cunho autobiográfico, na qual a escritora descreve seu cotidiano enquanto travesti e prostituta. Ao apresentar tons irônicos e pitadas de humor, *E se eu fosse puta* (2016) escancara as facetas de uma estrutura social extremamente repressora e violenta em relação as sexualidades dissidentes. Em entrevista concedida ao *Sul21* (2017, s.p), a autora afirma que:

A partir do momento que você é prostituta, você está à margem da sociedade. Prostituição é uma dessas profissões que você só pode estar lá se você não tem mais para onde ir. Só que ao mesmo tempo, a gente olha para a sociedade, vê que sexo é uma coisa importantíssima, mas alguém que se especializa em sexo é inconcebível. E a gente tem as profissões mais absurdas no capitalismo. Eu estava nesse lugar da prostituição, de objeto, e aí eu começo a me aproximar da militância, que pensava um feminismo que respeitasse as demandas de prostitutas.

Nesse contexto, nota-se que a atuação literária de Amara Moira se constitui enquanto elemento que faz parte de sua atuação política e social, de modo que aspectos de sua vivência podem ser percebidos tanto em sua militância quanto em sua obra. O engajamento literário e político de Moira incentiva, por exemplo, “grupos LGBT

(lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) a transformarem a orientação sexual em bandeira de militância política” (MARTINS, 2010, p. 248).

A entrevista, enquanto modalidade do biográfico, potencializa o caráter militante do livro de Amara Moira e permite, além disso, apreender a obra da escritora para além de seu engajamento literário, possibilitando entender os liames da criação literária e a personalidade da autora, de forma que facilita a compreensão da obra. Ainda no entender de Leonor Arfuch (2010, p. 189), o gênero entrevista, ao fazer parte do espaço biográfico, evidencia que “a proliferação de diferenças (étnicas, culturais, religiosas, sexuais, de gênero etc.) tem uma expressão notória [...] em seus momentos autobiográficos, na medida em que articulam sempre o pessoal com o social.”

Nesse sentido, ao abordar o gênero entrevista, pretende-se relacionar o pessoal com o social, a fim de refletir acerca da atuação literária de escritores que representam camadas marginalizadas. O caráter político da obra *E se eu fosse puta*, assim, pode ser compreendido como *ativismo* (COLLING, 2018), engajamento social que se faz por meio de expressões artísticas. Ao descrever a situação precária das travestis, Amara Moira afirma na entrevista que “A gente sabe o quanto a rua é um espaço de vulnerabilidade e violência. [...] Tem sempre curiosos passando, tirando foto, brincando com você, zombando da sua cara, jogando coisas em você. As travestis vivem muito isso.” (SUL21, 2017, s.p).

Corroborando com essa afirmação, nota-se que a obra de Moira apresenta relatos autobiográficos onde são contados casos de violência, exploração e más condições de trabalho das travestis. Dessa forma, a autora defende, por meio de sua atuação literária e política, a legalização da prostituição como forma de assegurar direitos, segurança e respeito para essa camada, de modo que sua voz ecoa em diversos âmbitos e modalidades comunicacionais. Pode-se afirmar, portanto, que a divulgação dessa entrevista na mídia, dentre outras, se estabelece como aporte para a obra literária da autora, sendo a mídia importante elemento de intensificação do engajamento literário do escritor. Em “O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea”, Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (2002) afirmam que “a mídia pode ser um espaço para potencialização de sentidos e significados, podendo se constituir num importante “lugar de memória” na cultura contemporânea” (p.145).

Os dizeres de Amara Moira se estabelecem enquanto espaço de sentidos e se constituem lugar de memória ao fundamentar discussões relevantes que são ignoradas pela maioria. Na entrevista, a escritora comenta como foi a sensação ao se vestir de mulher pela primeira vez: “Para mim foi uma sensação de euforia gigantesca, uma sensação de leveza e liberdade gigantesca, que eu nunca vivi na vida.” (SUL21, 2017, s.p). Esse relato possibilita entender as etapas de transformação da escritora, que necessitou transitar por processos não apenas de autoaceitação, mas também aceitação da família, amigos e comunidade acadêmica: “Voltei como Amara. Meus pais foram me buscar na rodoviária. [...] Quando eu entro no carro, minha mãe vira e pergunta: “esse é o presente que você quer dar pra sua vó?”.” Amara Moira continua e finaliza o relato, dizendo: “Eu falei pra ela: “ela quer algo melhor do que ganhar uma neta?”. Silêncio sepulcral.” (idem).

Apesar de conflitante, Moira afirma na entrevista que sua família aceitou sua transformação, de modo que até seu pai passou a chamá-la de filha, no feminino. Além disso, ao comentar sobre seu início como prostituta, a escritora relata:

Então, várias coisas me levam à prostituição. Os clientes me tratam no feminino sem pestanejar, eles demonstram desejo pelo meu corpo e meu corpo fazia sentido. Em todos os outros espaços que eu ocupava, meu corpo era um corpo estranho, recebia ameaças, ali não. Ali era um corpo que merecia desejo, ainda que na sombra, ainda que ninguém visse, que não pudesse pegar a mão da pessoa em público, que não pudesse haver um afeto de forma um pouco mais respeitosa e inteira. Era só um negócio precário, vinte minutos, 30 e poucos reais, algumas experiências de violência, mas ali eu podia ser Amara. A prostituição foi um espaço de descoberta, onde eu pude descobrir para que serve a literatura, pude dar um sentido para a minha escrita. (SUL21, 2017, s.p).

Pode-se entender, a partir disso, que a experiência da autora na prostituição foi importante fator para legitimação de seu corpo, onde sua identidade pôde enfim ser reconhecida. Mesmo em situações precárias, a legitimação identitária de Amara Moira na prostituição corroborou, no dizer dela, para a definição de sua escrita literária e, portanto, na publicação de seu livro. A obra *E se eu fosse puta* (2016), portanto, é fruto dos conflitos e da construção identitária vivenciados pela autora que, ao relatar suas experiências, constrói uma narrativa destacadamente insubmissa. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que a obra de Amara Moira firma seu engajamento numa

escrita que, graças a sua atuação em outros meios, se estabelece enquanto engajamento político-literário-social.

Geovani Martins: a favela em foco literário

Autor de *O sol na cabeça* (2018), Geovani Martins estreia na literatura brasileira pondo em foco a favela em sua ótica multi-expressiva, híbrida e orgânica. Coletânea de contos, seu livro apresenta histórias e personagens que se alocam no ambiente periférico e central, transgredindo noções espaciais que separam a favela da cidade. Nesse contexto, em seu livro prepondera uma linguagem multifacetada que transita entre o erudito e o popular, intercalando gírias a modalidades formais de comunicação. Esse aspecto híbrido presente em seus contos não é descompromissado, pois evidencia que a periferia, apesar da constante exclusão e descaso, não é tanto isolada e carente de influências externas.

Nesse contexto, pretende-se destacar o escritor Geovani Martins enquanto agente que firma posicionamento político e social por meio de sua atuação literária, bem como em outros meios de comunicação. Desses meios, a entrevista, como já discutido, possibilita apreender o sujeito em suas facetas autobiográficas, elucidando os bastidores de criação literária e suas implicações no debate acerca da ascensão das minorias em um contexto ainda segregacionista e excludente. Em relato publicado na página online da *Revista Época*, o escritor carioca fala de si e suas experiências:

Nasci em Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, no dia 18 de julho de 1991. Em 2004, aos 13 anos de idade, mudei com minha mãe e meus irmãos para o Vidigal, na Zona Sul da cidade. Destaco esses lugares e essas datas para dizer que, às vésperas do lançamento de *O sol na cabeça*, meu primeiro livro, a ser publicado em março pela Companhia das Letras, posso afirmar que a gênese dos 13 contos foi o choque provocado por essa mudança. [...] Passei toda a adolescência nesse trânsito. Às vezes voltava a morar com meus avós em Bangu, passava uns meses e depois voltava para o Vidigal, normalmente no verão, sentindo saudade da praia. (ÉPOCA, 2018, s.p).

A transição de Bangu para o Vidigal e, posteriormente, demais trânsitos vivenciados pelo autor, contribuíram para sua futura formação enquanto escritor, de modo que é possível perceber, em seu livro, esse caráter transitório, fluído e nunca estático de seus contos, seja pela narrativa ou pela linguagem multifacetada. Esse

horizonte autobiográfico do escritor permite relevantes reflexões sobre a ascensão de sujeitos periféricos na literatura, fortalecendo discursos de representatividade e atestando a importância das minorias na ocupação de espaços antes relegados a uma elite. No dizer de Eneida Maria de Souza (2011), “Se a febre biográfica atingiu vários setores da vida cultural, são evidentes as causas de sua expansão pelos discursos das minorias, redefinidores de identidades e de lugares políticos.” (p. 31).

Uma visada analítica (auto)biográfica, nesse entender, possibilita protagonizar a expressão das minorias, evidenciando o deslocamento dos mediadores culturais que destacam identidades antes excluídas e apontam para novos posicionamentos políticos. Defende-se, portanto, que a atuação literária de Geovani Martins, ao ser transpassada por diversos elementos autobiográficos, se estende para uma atuação de caráter social e político. Trata-se, assim como em Amara Moira, de uma atuação político-literária na qual o autor se estabelece enquanto figura que representa coletividades marginalizadas em constante ascensão e protesto. Ainda no relato concedido a *Revista Época*, o escritor afirma que

A partir desse trânsito constante entre tantas casas, becos, ruas e praças, e depois com a oportunidade de participar da Festa Literária das Periferias (Flup) e visitar a cada sábado uma favela diferente parti para o livro com a ideia de que a periferia precisa ser tratada sempre como algo em movimento e que não podia mais ser considerada sinônimo de favela. A favela hoje é centro, gira em torno de si, produz cultura e movimenta a economia. O favelado cria e consome como qualquer outra pessoa do planeta. (2018, s.p).

A noção de favela enquanto centro e espaço de significação permite conceber a periferia enquanto instância legítima, capaz de fundar suas próprias bases de expressão e reivindicação social. Ao estabelecer relação entre relatos de vida e classes sociais, Philippe Lejeune (2008) afirma que “O relato de vida torna-se então espaço de elaboração de consciência de classe e serve para incutir modelos e valores mais ou menos revolucionários.” (p. 134).

Mesmo que não se adeque especificamente ao gênero *relatos de vida*, o livro – e a entrevista – de Geovani Martins apresenta elementos (auto)biográficos, permitindo compreender sua atuação político-literária como ato revolucionário, apontando para reflexões a respeito de consciência de classe, expressão de si e reivindicação. Nesse entender, os relatos do escritor publicados na internet figuram no horizonte

autobiográfico e se estabelecem como aporte que expande a compreensão de sua obra. Ao comentar sobre seu processo de escrita, o autor afirma:

A pesquisa que fiz sobre a linguagem que usaria nos contos do livro veio a partir dessa ideia. É claro que me ajudou, e muito, o fato de eu falar usando as gírias dos personagens do livro. Tenho facilidade para me adaptar às muitas formas de falar o português brasileiro e como já morei em favelas sob comando de todas as três facções do Rio, e ainda numa dominada pela milícia, acabei tendo contato com as particularidades de cada região. Mas transformar isso em literatura não é fácil. (ÉPOCA, 2018, s.p).

Desvendar os bastidores de produção literária por meio da entrevista viabiliza não apenas o entendimento de configuração estética da obra, mas também enviesa compreender a configuração social e histórica do contexto de escrita, tendo em vista que Martins, ao comentar a respeito da linguagem de sua narrativa, também fala sobre as facções do Rio de Janeiro e a presença da milícia em uma das favelas em que morou. No dizer de Djamila Ribeiro (2017, p. 13), é urgente pensar nas produções intelectuais de camadas marginalizadas enquanto produto de sujeitos políticos, portanto não desvinculados de sua posição social-histórica.

Nesse contexto, ao figurar no cenário da literatura marginal/periférica, Geovani Martins aponta para novos entendimentos da favela e de seus sujeitos, de modo que, segundo ele: “Os personagens do livro são todos baseados em seres humanos, complexos e imprevisíveis por natureza.” (ÉPOCA, 2018, s.p). Nesse sentido, ao atribuir visões não caricatas aos seus personagens, o autor constrói narrativas que se afastam de perspectivas estereotípicas, contribuindo para a legitimação de textos oriundos de contextos marginais.

Para Érica Peçanha (2006), o termo marginal se aplica, sociologicamente, “aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado” (p. 11). Segundo a autora, a literatura marginal figura no panorama da literatura brasileira enquanto modalidade de expressão cada vez mais frequente, veiculando com maior incidência as vozes da periferia. Nesse entendimento, ao abordar a entrevista de Geovani Martins, objetiva-se efetuar pontes de interseção entre sua vida e obra, efetuando um estudo de cunho

crítico-biográfico compósito (Bessa-Oliveira, 2014), que considera o ligamento da produção cultural com o sujeito social em destaque.

Considerações Finais

E se eu fosse puta (2016), ao ser o primeiro livro publicado pela travesti Amara Moira, figura no cenário da literatura brasileira ao escancarar as contradições de uma sociedade transfóbica e extremamente violenta com sexualidades dissidentes. Igualmente, *O sol na cabeça* (2018) estreia como primeiro livro publicado por Geovani Martins, autor oriundo da periferia que apresenta à sociedade novas tonalidades da favela ao revelar novos entendimentos do ambiente periférico. Ao narrarem suas histórias com grande maestria literária, tanto Moira quanto Martins demonstram novos caminhos na literatura por meio de obras cuja fruição estética implica questionamentos históricos, políticos e sociais. O gênero entrevista, ao fazer parte do espaço biográfico, permite apreender aspectos vivenciais dos escritores, os bastidores de composição literária, suas convicções e visões de mundo, aproximando o público de personalidades que se contrapõem a ordem vigente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. Estudos literários e crítica política. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 12, p. 124-135, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. A natureza compósita da crítica biográfica Eneida Maria de Souza. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Eneida Maria de Souza: uma homenagem. v. 6, n. 12. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014, p. 69-100.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade, **Revista sala preta**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2018.

Época. **Geovani Martins: como a favela me fez escritor**. 2018. Disponível em <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escriptor.html>> Acesso em 25 de dezembro de 2018.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: OLINTO, Heidrum Krieger.

SCHØLLHAMER, Karl Erik (Orgs.). **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARTINS, Ferdinando. Cenas Paralelas: Do Arcaico ao Pós-moderno nas Representações do Gay no Teatro Brasileiro Contemporâneo. IN: COSTA, Horácio. **Retratos do Brasil Homossexual**: Fronteiras, Subjetividades e Desejos. São Paulo: Edusp, 2010.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento-Justificando, 2017.

SOUZA, Eneida M. de Souza. **Janelas Indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Sul21. **Uma conversa com Amara Moira, travesti e escritora que milita pela descriminalização da prostituição**. 2017. Disponível em <<https://www.sul21.com.br/areazero/2017/05/uma-conversa-com-amara-moira-travesti-e-escritora-que-milita-pela-descriminalizacao-da-prostituicao/>> Acesso em: 05 de dezembro de 2018.